

Etimologia e história da palavra “macumba”

Etymology and History of the Portuguese word “macumba”

Bruno Maroneze*^{ID}

Marcelo Ferreira Nunes**^{ID}

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever a etimologia da palavra *macumba*, em suas várias acepções. Trata-se de palavra polissêmica, com diversas acepções registradas nos dicionários da língua portuguesa. Inicialmente, aborda-se a inserção de *macumba* nos dicionários gerais, etimológicos e especializados (seja os dicionários sobre religião, seja os sobre africanismos), mostrando como suas várias acepções foram sendo descritas ao longo da história. Sua acepção principal refere-se a um conjunto de práticas religiosas afrobrasileiras, mas também ocorrem as acepções de “feitiçaria”, “oferenda colocada nas encruzilhadas” e “certo instrumento musical de percussão”, entre outras. Em seguida, passa-se a descrever as primeiras ocorrências de *macumba* e *macumbeiro* em textos jornalísticos do século XIX, que indicam que as acepções “instrumento musical” e “conjunto de práticas religiosas” surgem quase concomitantemente. Por fim, revisitam-se as hipóteses etimológicas e as diversas acepções à luz dessas primeiras ocorrências. Propõe-se que a hipótese etimológica mais provável é a da confluência de diversos étimos, de modo que cada acepção pode ter um étimo diferente das demais.

PALAVRAS-CHAVE: Etimologia. Lexicologia Diacrônica. Africanismos. “Macumba”.

ABSTRACT: The aim of this article is to describe the etymology of the word *macumba* in its various meanings. It is a polysemous word with multiple definitions recorded in Portuguese-language dictionaries. Initially, the article examines the inclusion of *macumba* in general, etymological, and specialized dictionaries (both religious dictionaries and those focused on Africanisms), showing how its various meanings have been described throughout history. Its primary meaning refers to a set of Afro-Brazilian religious practices, but other meanings include “witchcraft,” “offering placed at crossroads,” and “a certain percussion instrument,” among others. Next, the article analyzes the earliest occurrences of *macumba* and *macumbeiro* in 19th-century journalistic texts, which indicate that the meanings “musical instrument” and “set of religious practices” emerged almost simultaneously. Finally, the study revisits etymological hypotheses and different meanings in light of these early occurrences. It proposes that the most probable etymological hypothesis is the convergence of multiple etyma, suggesting that each meaning may have an origin different from the others.

KEYWORDS: Etymology. Diachronic Lexicology. Africanisms. “Macumba”.

* Professor associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UFMS. brunomaroneze@ufgd.edu.br.

** Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. marcelo_professor@hotmail.com.

1 Introdução

O objetivo deste artigo é descrever a história e a etimologia da palavra *macumba*. Por se tratar de uma palavra que apresenta acepções de grande relevância histórica, social e cultural, entende-se que a descrição da sua história é também a de aspectos importantes da história do Brasil.

Na seção 2 deste artigo, apresentamos alguns conceitos teóricos sobre Etimologia e sobre a introdução de africanismos no português brasileiro. Em seguida, na seção 3.1, apresentamos os registros lexicográficos de *macumba*, no período que vai do século XIX até o século XXI, descrevendo as várias acepções que a palavra veio a adquirir, tanto em dicionários gerais quanto etimológicos e especializados nos temas da religião e cultura afrobrasileira. Já na seção 3.2, trazemos alguns dados histórico-textuais do século XIX e início do XX que possibilitam a identificação das primeiras acepções da palavra. Na seção 3.3, discutimos as hipóteses etimológicas que identificamos. Por fim, na seção 4, resumimos nossos achados apresentando a hipótese etimológica que julgamos mais provável: a confluência de vários étimos. Apresentamos uma descrição etimológica para cada acepção e finalizamos nossas reflexões com os pontos que ainda ficam em aberto para pesquisas futuras.

2 Breves reflexões teóricas e metodológicas

Neste artigo, para nos referirmos à unidade lexical, preferimos empregar “palavra”, ainda que seja este um termo por vezes preterido nos estudos de Lexicologia, visto ser esse uso frequente nos estudos de Etimologia (cf., por exemplo, Viaro, 2011).

Entendemos que descrever a história de uma palavra envolve principalmente descrever o momento da sua introdução na língua, bem como as alterações de significado ocorridas. O momento da introdução de uma palavra é conhecido como

terminus a quo (Viaro, 2011, p. 106-9), entendido como o primeiro registro material, primeiro uso efetivo em texto, registrado, impresso, publicado e divulgado.

É sabido que a palavra *macumba* é, etimologicamente, um empréstimo¹, ou seja, uma palavra oriunda de uma outra língua. Aqui é relevante a distinção entre “empréstimo cultural” (*cultural borrowing* – aquele que ocorre por difusão de uma cultura para outra) e “empréstimo íntimo” (*intimate borrowing* – aquele que ocorre quando duas línguas são faladas numa mesma comunidade), apresentada por Bloomfield (1933, p. 444-475). Camara Jr. (1976, p. 196-7), retomando essa clássica distinção bloomfieldiana, explica que os empréstimos de origem africana (os chamados africanismos) do português brasileiro devem ser considerados casos de empréstimo íntimo, visto que as populações em questão (falantes do português e de línguas africanas) conviveram de forma íntima, num mesmo território.

Dessa forma, o *terminus a quo* da palavra *macumba* será o momento em que ela foi pela primeira vez empregada na língua portuguesa (e não, obviamente, numa língua africana); metodologicamente, como quase nunca é possível identificar esse primeiro emprego, o *terminus a quo* passa a ser a atestação mais antiga encontrada num texto em língua portuguesa. Assim, foi-nos possível encontrar a data de 1870 (cf. seção 3.2.3), por meio de buscas em bases de dados *online*.

Além do *terminus a quo*, é relevante também identificar as acepções que a palavra apresenta, situando-as diacronicamente, se possível. Em relação aos africanismos, Bonvini (2014, p. 121-2) se faz as seguintes perguntas:

¹ O fato de que *macumba* é um empréstimo de alguma língua africana (ou seja, um africanismo) é entendido como algo tão óbvio que é em geral apresentado sem maiores explicações. Assim, os fatores que nos levam a perceber que se trata de um africanismo são, principalmente: a) suas várias acepções designam referentes culturalmente associados à cultura afrobrasileira, como será tratado neste artigo; b) apresenta características fonéticas e prosódicas comuns a outros africanismos: é uma paroxítona com estrutura trissilábica, típica de línguas bantas e presente em outros africanismos como *quitanda* e *moleque*, além de apresentar o encontro consonantal *-mb-*, muito frequente também nas línguas bantas (cf. *quimbundo*, *quilombo*, *mocambo*); e c) o motivo principal é o fato de que não apresenta estrutura morfológica portuguesa (ou seja, não tem prefixos ou sufixos portugueses) nem tem qualquer correlato no latim vulgar que poderia caracterizar uma palavra herdada.

Pode-se realmente afirmar que o termo africano que chegou ao Brasil guardou o mesmo sentido que tinha na África [...]? Se a resposta for afirmativa, em que estado esse sentido chegou? Integralmente? Parcialmente? A semântica das palavras atuais coincide com a que elas tinham no continente africano, seria então africana e pré-brasileira, ou ela é antes uma semântica própria ao Brasil e, por isso, brasileira?

Especificamente em relação a *macumba*, importa observar que essa palavra adquiriu um conjunto muito grande de acepções (como será mostrado na seção 3.1); quais dessas acepções são africanas (pré-brasileiras, nos termos de Bonvini) e quais são brasileiras é uma questão relevante. Assim, é importante também entender os processos de extensão de significado. Para isso, buscamos historiar os vários registros de *macumba* nos dicionários gerais e especializados.

Com a identificação do *terminus a quo* e das acepções da palavra, fica um pouco mais facilitada a tentativa de identificação do seu étimo. Entendendo o étimo como “*a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer*” (Viaro, 2011, p. 99, grifo do autor), a busca pelo étimo de *macumba* passa a ser a busca pela palavra correspondente que existiu em alguma língua africana dentre as faladas pelas populações trazidas para o território brasileiro. Assim, na seção 3.3, discutimos as hipóteses etimológicas apresentadas por diversos autores, à luz dos dados por nós encontrados.

Por fim, cabe também apresentar uma reflexão relacionando o conceito de *terminus a quo* com o conceito de *neologismo*. Entendemos o neologismo como uma nova unidade lexical (Alves, 2007; Alves; Maroneze, 2020); visto que a ideia de “novo” é sempre relativa a um determinado momento histórico, a busca pelo *terminus a quo* pode ser entendida também como a busca pelo momento em que a palavra era um neologismo. Além da datação, esse momento pode ser também identificado por meio do que Alves (2007, p. 83-4) denomina “sentimento de neologia”, expresso por meio de indicações gráficas (aspas, itálico) ou metalinguísticas (expressões como “chamados”, “ditos” etc., além da indicação de sinônimos e equivalentes). Em relação

a *macumba*, foi-nos possível identificar esses elementos indicativos do sentimento de neologia nas atestações mais antigas da palavra, conforme será apontado na seção 3.2.

3 Análise dos dados

Esta seção está dividida em três partes. Inicialmente (3.1), analisamos os registros lexicográficos da palavra *macumba*. Na seção 3.2, apresentamos os dados encontrados referentes às primeiras ocorrências de *macumba* na língua portuguesa. Por fim, em 3.3, discutimos as hipóteses etimológicas. Tanto nas citações quanto nos títulos das fontes que consultamos (seja obras lexicográficas, seja textos jornalísticos e literários), mantivemos sempre a ortografia original.

3.1 Registros lexicográficos da palavra *macumba*

Para esta análise, buscamos o maior número possível de registros lexicográficos, dentro do que se consideram as obras lexicográficas mais relevantes da língua portuguesa (ou seja, desconsiderando dicionários escolares, de bolso ou similares). Em relação aos dicionários etimológicos, consultamos os quatro maiores existentes (Machado, Nascentes, Bueno e Cunha), além da seção de etimologia do dicionário Houaiss. Já em relação aos dicionários especializados, a seleção foi mais difícil: por existirem em grande número (principalmente os dicionários referentes às religiões afrobrasileiras) e nem sempre serem elaborados segundo critérios científico-acadêmicos, priorizamos aqueles assinados por pesquisadores renomados ou aqueles que são citados por outros dicionários

3.1.1. Dicionários gerais

Apresentamos aqui o resultado das nossas pesquisas nos principais dicionários gerais² da língua portuguesa, desde Moraes Silva (1789) até os dicionários do século XXI (tanto impressos quanto em versão *online*).

a) Moraes Silva (1789, 1813)

O primeiro registro lexicográfico de uma palavra que se assemelha a *macumba* é o verbete “MACUMA” presente no dicionário de Moraes Silva (1789, *s. v.* “macuma”):

MACUMA, *s. f.* usado no *Brazil*, ou antes *mucàma* como lá dizem, a escrava, que acompanha a Senhora, quando sai á rua.

O mesmo verbete foi reproduzido, já ampliado, na segunda edição do mesmo dicionário (Moraes Silva, 1813, *s. v.* “macuma”):

MACUMA, *s. f. t.* usado no Brasil, ou antes *Mucàma*, como lá dizem. A escrava, que acompanha a Senhora, quando sai á rua. No Rio de Janeiro dizem *mucàma*, na Bahia, Pernambuco, e outras partes *Mubànda*, que não só acompanha, mas é do serviço da Senhora em casa.

Da mesma forma, Vieira (1873) registra um verbete para *macuma*, remetendo para *mucama* ou *mucamba*.

Assim, como se pode notar, trata-se de uma possível forma variante de *mucama* e, em princípio, não estaria relacionada à acepção ligada ao sentido religioso de *macumba*. Porém, conforme apontaremos na seção 3.3, essa palavra pode ajudar a compreender algumas das acepções registradas posteriormente.

b) Cândido de Figueiredo (1926)

O registro lexicográfico mais antigo de *macumba* com o sentido ligado à religião é o do dicionário de Cândido de Figueiredo, na sua quarta edição, de 1926. Nesse dicionário, o verbete *macumba* aparece marcado com um asterisco, indicativo de que se trata de um neologismo:

² Entendemos “dicionário geral”, seguindo Welker (2004, p. 77), como “aquele que tende a apresentar a totalidade dos lexemas de uma língua”.

*Macumba, *f. Bras. do Rio*. Rito espiritualista, que participa do catholicismo, do fetichismo e de superstições tupis. (Figueiredo, 1926, s. v. “macumba”).

Observa-se, portanto, que, em seu primeiro registro, consta uma única acepção, a de “rito espiritualista”.

c) Laudelino Freire (1954)

Não tivemos acesso à primeira edição do dicionário de Laudelino Freire, de 1939, mas apenas à segunda edição, de 1954³. Nessa edição, o verbete *macumba* apresenta três acepções (a primeira delas copiada de Figueiredo, como se pode observar no verbete transcrito a seguir):

MACUMBA, s. f. Rito espiritualista, que participa do catolicismo, do fetichismo e de superstições tupís; cerimônia fetichista de fundo negro com influência cristã, acompanhada de danças e cantos ao som de tambor. || 2. Feitiçaria. || 3. Instrumento músico dos negros.

A primeira acepção está redigida em duas partes, que talvez sejam duas subacepções: uma se refere ao “rito espiritualista” (copiada de Figueiredo, 1926) e outra se refere à “cerimônia”. Além disso, Freire também inclui as acepções de “feitiçaria” (que é certamente derivada da primeira acepção) e de “instrumento musical”.

d) Aulete (1958)

Na edição brasileira do dicionário Aulete, de 1958, são descritas as mesmas três acepções (separadas por barras verticais):

s. f. || (Bras.) culto feticista afro-brasileiro com alguma influência cristã; cerimônia desse culto, realizada no *terreiro* sob a direção do *pai-de-santo* ou da *mãe-de-santo* e acompanhada de danças ao som de instrumentos de percussão; candomblé (Bahia); tambor-de-mina, tambor-crioulo (Maranhão); xangô (Pernambuco e Alagoas); babaçue

³ Agradecemos ao Prof. Dr. Mário Viaro, da USP, por nos disponibilizar a consulta a essa e a algumas outras obras aqui citadas.

(Pará). || Feitiço, coisa-feita, ebó. || Instrumento musical de percussão, que dá um som de rapa. F. or. afric (Aulete, 1958).

Aqui, em vez de “rito espiritualista”, a expressão empregada é “culto feticista”. Assim como em Freire, a redação da definição é dividida em duas partes, separadas por um ponto-e-vírgula, de modo a incluir uma espécie de subacepção, definida como “cerimônia dêsse culto”. Aulete inclui também uma lista de outros nomes de cultos afro-brasileiros, dando a entender que seriam sinônimos empregados em determinadas regiões⁴. Em seguida, aparecem as mesmas acepções já descritas em Freire, com uma redação um pouco mais detalhada (por exemplo, menciona-se o som do instrumento musical). Como hipótese etimológica, apenas se menciona “origem africana”.

e) Aurélio (Ferreira, 1975, 1986, 1999)

Encontramos no dicionário Aurélio (Ferreira, 1975) a palavra *macumba* com cinco acepções:

Macumba. [Do quimb. *ma'kúba*.] *S. f. Bras.* 1. Sincretismo religioso afro-brasileiro, derivado do candomblé, com elementos de várias religiões africanas, de religiões indígenas brasileiras e do cristianismo. 2. O ritual sincrético que lhe corresponde. 3. Por derivação, magia negra. 4. V. bruxaria. 5. Instrumento de percussão, espécie de reco-reco, de origem africana, e que produz um som de rapa (Ferreira, 1975, *s.v.* “macumba”).

Aparentemente, o que esse dicionário faz é separar as duas subacepções de Freire e Aulete nas acepções 1 (“Sincretismo religioso”, ou seja, o nome do culto⁵) e 2 (“ritual

⁴ Os nomes elencados nesse dicionário (“candomblé”, “tambor-de-mina”, “xangô”, “babaçue”) não se referem ao mesmo culto religioso, mas a cultos afrobrasileiros diferentes (ainda que com muitos elementos comuns). No entanto, popularmente todos podem ser conhecidos como “macumba” (até mesmo como uma forma pejorativa de reuni-los num único conceito). Não está bem claro qual seria o entendimento do autor do verbete.

⁵ A definição afirma que a macumba é um rito derivado do candomblé, o que é provavelmente falso; um dado textual do século XIX (apresentado na seção 3.2.4) mostra que já se tinha clareza da distinção (e mesmo da rivalidade) entre “macumba” e “candomblé”. Não trataremos dessa questão neste artigo, deixando-a para os historiadores e cientistas da religião.

sincrético”, ou seja, a cerimônia propriamente dita). As acepções 3 (“magia negra”) e 4 (“bruxaria”) parecem ambas derivadas da acepção descrita como “feitiçaria” ou “feitiço” em Freire e Aulete, ainda que apresentem outras conotações. Por fim, também aparece a acepção de “instrumento musical” aqui descrito com um pouco mais de detalhe. A etimologia também é apresentada de forma mais específica.

A edição de 1986 do mesmo dicionário não traz grandes diferenças na redação do verbete:

Macumba. [Do quimb. *ma'kúba*.] S. f. Bras. 1. Sincretismo religioso afro-brasileiro, derivado do candomblé, com elementos de várias religiões africanas, de religiões indígenas brasileiras e do cristianismo. 2. O ritual sincrético que lhe corresponde. [Cf., nessas acepç., *candomblé*.] 3. Por derivação, magia negra. 4. V. bruxaria (1 e 2). 5. Instrumento de percussão, espécie de reco-reco, de origem africana, e que produz um som de rapa (Ferreira, 1986, s.v. “macumba”).

Como se pode observar, há apenas duas diferenças: a remissão para *candomblé* na segunda acepção; e o detalhamento da acepção de *bruxaria* (indicando que apenas as acepções 1 e 2 de *bruxaria* são sinônimas de *macumba*). O verbete *candomblé* também remete para *macumba*, o que parece indicar que o autor dos verbetes entende haver alguma relação de sinonímia, mas sem muita clareza.

Já a terceira edição, intitulada Aurélio Século XXI (Ferreira, 1999), traz diferenças significativas, que serão reencontradas nos dicionários publicados no século XXI:

macumba. [Do quimb. *ma'kôba*.] S. f. Bras. 1. Rel. Designação genérica dos cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades de povos bantos, influenciadas pelo candomblé e com elementos ameríndios, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo, etc. 2. Rel. O ritual desses cultos. 3. Rel. Denominação atribuída à quimbanda (q. v.) pelos seguidores da umbanda da chamada *linha branca*. 4. Rel. Impr. Magia negra. 5. Rel. Pop. Bruxaria (2). 6. Antigo instrumento de percussão, espécie de reco-reco, de origem africana, e que produz um som rascante (Ferreira, 1999, s.v. “macumba”).

Observa-se que a primeira acepção é uma reformulação da primeira acepção já “velha conhecida”, mas agora, em vez de “culto” ou “sincretismo religioso”, aparece “designação genérica”, uma forma de evitar a generalização vista nas obras anteriores, que pode soar preconceituosa. Assim, enfatiza-se que se trata de um conjunto de cultos com diferenças entre si. Na mesma ideia de evitar enunciados discriminatórios, as acepções “magia negra” e “bruxaria” vêm acompanhadas das rubricas “impróprio” e “popular”, respectivamente. Também é importante notar a variação na grafia do étimo, de *ma'kúba* para *ma'kôba*.

f) Michaelis (1999)

No dicionário Michaelis (1999), encontramos novamente as mesmas três acepções já apresentadas em Freire e Aulete, ainda que com nova redação:

ma.cum.ba *sf* (*quimbundo makumba*) **1** V. *candomblé*, acepção 2. **2** Feitiçaria. **3** Instrumento músico de percussão, de origem africana.

Como se pode observar, as acepções 2 e 3 são praticamente idênticas às de Freire e Aulete. Já a primeira remete para a segunda acepção de *candomblé*, indicando uma sinonímia, também apontada no Aurélio (Ferreira, 1986).

Assim, observamos que, ao longo do século XX, os dicionários registraram em geral apenas três acepções para *macumba*, tradição que parece ter se iniciado no dicionário de Freire⁶. As exceções são: Figueiredo (1926), que, por ter sido o primeiro, registrou apenas a acepção de “rito espiritualista”; e o Aurélio, que, em suas duas primeiras edições (1975 e 1986), procurou trazer um detalhamento maior, desmembrando a subacepção de “ritual” e acrescentando outras conotações com as acepções de “magia negra” e “bruxaria”; e em sua terceira edição, moderniza a redação da primeira acepção, enfatizando se tratar de uma denominação genérica.

g) Academia de Ciências de Lisboa (2001)

⁶ Conforme mencionado, Freire copia a primeira acepção de Figueiredo (1926), mas as outras duas são, até onde pudemos identificar, inovações dele, que foram depois aproveitadas pelos dicionários Aulete (1958) e Michaelis (1999).

O *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia de Ciências de Lisboa teve sua versão impressa publicada em 2001 e sua versão *online* disponibilizada posteriormente, em data não informada. Nessa obra, podemos encontrar a palavra *macumba* com quatro acepções:

macumba [...]. *s. f.* (Do quimb. *ma'kūba*). *Bras.* **1. Rel.** Religião comum no Brasil, que associa elementos do cristianismo, do animismo africano e de crenças ameríndias. **2. Rel.** Ritual dessa religião que inclui danças e cantos ao som de tambor. «*Então resolveu fazer a viagem só para vir consultar o pai de santo Jubiabá que curava tudo na sua macumba no Morro do Capa Negro.*» (J. AMADO, *Jubiabá*, p. 30). **3.** Prática de magia negra, bruxaria ou feitiçaria. **4. Mús.** Instrumento musical de percussão, de origem africana, que produz um som de rapa (Academia, 2001, *s. v.* “macumba”).

Nessa obra encontram-se as mesmas acepções já descritas nas obras anteriores do século XX. No entanto, há diferenças importantes: primeiramente, a primeira acepção já descreve a macumba não mais como um “rito”, “culto” ou “sincretismo”, mas como uma “religião”⁷. Além disso, na segunda acepção, nota-se a importante inclusão de uma abonação literária. A terceira acepção coloca de forma unida os conceitos de “magia negra”, “bruxaria” e “feitiçaria”, que o Aurélio separava em duas acepções distintas. Também é importante notar a semelhança entre essa obra e o Aurélio na descrição do instrumento musical (ambos referindo-se ao “som de rapa”).

h) Aulete digital (s/d)

A versão *online* do dicionário Aulete (s/d) reformula inteiramente a sua versão original impressa, apresentando apenas duas acepções:

⁷ Tanto a primeira como a segunda acepções incluem a rubrica *Rel.* (abreviação para “religião”), mas apenas a primeira emprega “Religião” como um hiperônimo; a segunda emprega como hiperônimo a expressão “Ritual dessa religião”.

(ma.cum. ba)

Bras. Rel. Umb.

sf.

1. Denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais, originários do nagô, e que receberam influências de religiões africanas, ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas.

2. Oferenda colocada nas encruzilhadas; DESPACHO

[F.: Do quimb. *ma'kôba*]

A primeira acepção reformula a redação para incluir tanto os “cultos” quanto “seus rituais”, ambos no plural. A segunda acepção apresenta o sentido de “oferenda”, sentido esse bastante conhecido de todos os brasileiros, mas que ainda não havia sido descrito nos dicionários anteriormente mencionados. A acepção de “instrumento musical” foi eliminada. Na descrição etimológica, vemos que vem do quimbundo *ma'kôba*, grafado da mesma forma que no Aurélio Século XXI.

i) Michaelis *online* (s/d)

A versão online do dicionário Michaelis reformula a sua versão impressa de forma bastante significativa:

macumba

ma·cum·ba

sf

1 REL Denominação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo e de crenças ameríndias.

2 REL Ritual desses cultos que inclui cantos e danças ao som de instrumentos de percussão.

3 POR EXT Denominação leiga desses cultos quando se acredita que há a prática de magia negra.

4 REL Oferenda feita a Exu, geralmente nas encruzilhadas; despacho.

5 POR EXT No sentido amplo, magia negra ou feitiçaria.

6 MÚS Antigo instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao ganzá, que produz um som rascante, utilizado em terreiros de cultos afro-brasileiros.

ETIMOLOGIA

quimb makumba.

Aqui novamente se percebe a reformulação da primeira acepção, já apresentada no Aurélio Século XXI, para incluir a expressão “designação genérica”. Da mesma

forma, a ideia de “magia negra” e “feitiçaria” aparece, nas acepções 3 e 5, com uma redação que parece tomar certos cuidados referentes a evitar o preconceito, como a ênfase em “sentido amplo” e em “Denominação leiga” (implicando que a associação com a magia negra é uma visão leiga). A acepção de “oferenda” aqui já se apresenta de forma mais detalhada, enfatizando que é uma oferenda a uma divindade específica (no caso, Exu) e colocada, em geral, nas encruzilhadas.

j) Grande Dicionário Houaiss *online* (Houaiss e Villar, s/d)

No Grande Dicionário Houaiss (Houaiss e Villar, s/d), a palavra *macumba* é descrita com dez acepções (onze se contarmos a subacepção 3.1). A data informada pelo dicionário para a primeira ocorrência é a de 15 de abril de 1880, no *Jornal do Commercio* (cf. na seção 3.2.3 a abonação mais antiga que encontramos, de 6 de dezembro de 1870).

macumba (1880 cf. JCom 15 abr.)

substantivo feminino

1 REL designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas (p.ex., de Angola e do Congo), e tb. ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas

2 REL; *B* o ritual celebrado nesses cultos

3 *p.ext.* designação leiga dos cultos afro-brasileiros em geral (e seus rituais respectivos)

3.1 *freq.*; REL; *B* designação leiga desses cultos quando supostamente praticam a magia negra - cf. *quimbanda*

4 *p.met.*; REL; *B* oferenda a Exu, esp. nas encruzilhadas; despacho

5 *p.ext.* em sentido lato, magia negra, feitiçaria; feitiço, despacho <*até m. já fizeram para (ou contra) ele*>

6 RJ no início do séc. XX, filha de santo da nação cabinda

7 em terreiros do nordeste do Brasil, excremento⁸ MÚS, REL; *B* antigo instrumento de percussão de origem africana, espécie de *canzá* que consistia num tubo de taquara com cortes transversais onde se friccionavam duas varetas, e que era outrora usado em terreiros de cultos afro-brasileiros

9 ousadia, audácia

10 (1917) RJ; *obsl.* m.q. **maconha**

sinônimos

ver sinonímia de *feitiço*

Seguindo a tendência já percebida desde o Aurélio Século XXI, o dicionário Houaiss também prefere redigir a primeira acepção como “designação genérica”, de forma a evitar definições potencialmente discriminatórias. Também é perceptível que as acepções de números 2, 3, 3.1, 4, 5 e 8 são muito semelhantes às acepções do Michaelis *online*. Interessantemente, a descrição do instrumento musical aqui tem uma precisão ainda maior.

Já as acepções 6, 7, 9 e 10 só aparecem registradas neste dicionário. Pudemos identificar que as acepções “filha-de-santo”⁸, “ousadia” e “maconha” foram incorporadas provavelmente a partir da obra de Nei Lopes, enquanto a acepção “excremento” foi incorporada a partir de Cacciatore (1988) (cf. seção 3.1.3).

Nota-se que os dicionários do século XXI redigem a primeira acepção de modo a enfatizar a pluralidade dos cultos. Em vez de incluir diversos nomes de cultos como se fossem sinônimos (como vimos que faz Aulete, 1958), esses dicionários já preferem indicar que se trata de uma designação genérica para uma pluralidade de cultos diferentes, o que condiz mais com a realidade e com a necessidade de se evitar a discriminação e o preconceito religiosos.

Com essa pesquisa nos dicionários gerais da língua portuguesa, foi possível identificar seis acepções principais para a palavra *macumba*, que resumimos a seguir:

1. Designação genérica de um conjunto de cultos afrobrasileiros com influências católicas, espíritas, ameríndias e ocultistas. Essa acepção está presente desde o primeiro registro lexicográfico (Figueiredo, 1926), mas se observa que a forma de redigir a definição se modernizou no século XXI para eliminar possíveis conotações discriminatórias;

⁸ Na seção 3.2.5, hipotetizamos que a acepção “filha-de-santo” nunca existiu, tendo sido decorrente de um erro de interpretação de uma crônica de João do Rio.

2. Ritual ou cerimônia desses cultos. Essa acepção está presente pelo menos desde Freire (1954), mas alguns dicionários redigem a definição de modo a incluí-la na mesma definição da primeira acepção;
3. Designação leiga dos cultos afrobrasileiros em geral. Essa acepção aparece nos dicionários do século XXI *Michaelis online* e *Houaiss online*, e parece ter sido inserida como uma forma de combate à discriminação sofrida pelos praticantes dessas religiões, de modo a enfatizar que nem todos os cultos que os leigos chamam de “macumba” devem ser assim denominados. Provavelmente, essa acepção já ocorre há mais tempo (desde o início?), tendo sido descrita com precisão apenas mais recentemente⁹;
4. Feitiçaria, magia negra. Essa acepção também está presente pelo menos desde Freire (1954). É claramente derivada das acepções 1 e 2, a partir da visão leiga, por metonímia: passam-se a chamar “macumba” não só as cerimônias desses cultos, mas também os feitiços supostamente praticados durante essas cerimônias;
5. Oferenda colocada nas encruzilhadas. O primeiro registro lexicográfico dessa acepção foi encontrado apenas nos dicionários do século XXI, mas o emprego é certamente mais antigo. Também deriva por metonímia das acepções 1 e 2;
6. Instrumento musical de origem africana. Essa acepção está registrada desde pelo menos Freire (1954). A sua relação com as acepções 1 e 2 não é tão clara: teria sido esse instrumento empregado na execução dos cânticos rituais? Se sim, ele teria recebido esse nome a partir do nome do ritual? Ou, ao contrário, o nome do ritual é que pegou “emprestado” o nome do instrumento?

⁹ De forma próxima a essa acepção, o Aurélio Século XXI também informa que “macumba” é a designação dada à quimbanda pelos praticantes da umbanda de linha branca, o que traz também um elemento de rivalidade entre os diversos grupos religiosos. Essa rivalidade, conforme apresentaremos na seção 3.2.4, já estava presente nas primeiras ocorrências da palavra, no século XIX.

Hipotetizamos, neste artigo, que se trata de um caso de convergência de étimos, conforme explicaremos na seção 3.3.

As acepções “filha-de-santo”, “excremento”, “ousadia” e “maconha”, registradas apenas no dicionário Houaiss, parecem ser menos frequentes, ou, talvez, decorrentes de erros de interpretação.

3.1.2 Dicionários etimológicos

Consultamos os quatro maiores dicionários etimológicos da língua portuguesa, além da seção “Etimologia” do dicionário Houaiss. Apresentamo-los a seguir, em ordem cronológica de publicação:

a) Machado (1956)

O dicionário etimológico de José Pedro Machado (1956, s. v. “macumba”) apresenta duas acepções:

Macumba¹, s. Feitiçaria. Segundo Renato Mendonça (*A Influência Africana no Português do Brasil*, p. 211, s. v.), é termo africano.
Macumba², s. Instrumento músico. Provavelmente de origem africana; Renato Mendonça (ob. antes cit.) registra este voc., mas não lhe atribui origem. Estará relacionado com *macumba*¹?

Machado (1956) evita relacionar categoricamente as duas acepções, sugerindo que possa ser um caso de homonímia; também é muito cuidadoso ao afirmar que é “provavelmente” de origem africana, citando Renato Mendonça. Tivemos acesso à segunda edição dessa obra (Mendonça, 1935, p. 211), que traz duas acepções: “feitiçaria, candomblé” e “instrumento músico dos negros”. A etimologia é descrita apenas como “térmo africano”, na primeira acepção. Dessa forma, fica evidente que o verbete de Machado é inteiramente decalcado da obra de Mendonça.

b) Nascentes (1966)

Antenor Nascentes assim descreve a etimologia de *macumba*: “Macumba. Do quimbundo ma’kūba “cadeados, fechaduras”. Prende-se às cerimônias do fechamento de corpos” (Nascentes, 1966, s. v. “macumba”). Dentre os dicionários etimológicos

pesquisados, este é o primeiro a atribuir a origem a uma língua específica, no caso, o quimbundo, bem como a descrever o suposto significado original.

c) Bueno (1968)

O dicionário de Francisco da Silveira Bueno (1968, s. v. “macumba”) traz apenas uma explicação etimológica vaga e genérica: “Macumba - s.f. Sessão de feiticeiros, espíritas, candomblé, feitiçaria, magia negra. Origem africana”.

d) Cunha (1982)

O etimólogo Antônio Geraldo da Cunha, em seu dicionário (1982), assim descreve:

macumba *sf.* “antigo instrumento musical de origem africana usado outrora nos terreiros” “termo genérico para cultos afro-brasileiros” “quimbanda” “despacho de rua” xx. Do quimbundo, mas de étimo controverso || **macumbEIRO** XX (Cunha, 1982, grifo do autor).

Cunha já informa que a língua de origem é certamente o quimbundo, mas, ao contrário de Nascentes, prefere não apresentar o suposto significado original. Também é importante observar que a acepção “despacho de rua”, que é outra forma de descrever “oferenda colocada nas encruzilhadas”, já aparece nessa obra de 1982, ainda que só vá ser registrada nas obras lexicográficas gerais no século XXI.

e) Houaiss (Houaiss e Villar, s/d)

O Grande Dicionário Houaiss (Houaiss e Villar, s/d, s.v. “macumba”) retoma três hipóteses etimológicas:

Macumba

Etimologia

Orig.contrv.; o DCAB {Dicionário de Cultos Afrobrasileiros} sugere o quimb. *ma* no sentido de 'o que assusta' + *kumba* no sentido de 'soar (assustadoramente)' ou o pref. pl. *maku* + *mba* no sentido de 'sortilégio'; Nei Lopes (*Dicionário banto do Brasil*) avança o quicg. *makumba* derivado de(o) pref. pl. *ma* + *kumba* no sentido de 'prodígio'; Antenor Nascentes e Jacques Raymundo a ligaram ao quimb. *makumba*, pl. de *dikumba* no

sentido de 'cadeado, fechadura', pelas “cerimônias de fechamento de corpos” que ocorrem entre os rituais desse culto.

Como se observa, são apresentadas as hipóteses etimológicas do “Dicionário de Cultos Afro-brasileiros”; de Nei Lopes; e de Antenor Nascentes e Jacques Raymundo. Desses, já mencionamos Nascentes, que parece ser o primeiro dos dicionários etimológicos que afirma ser o étimo da língua quimbundo. O “Dicionário de Cultos Afro-brasileiros” (Cacciatore, 1988) e a obra de Nei Lopes, em sua segunda edição (Lopes, 2003) serão mencionados na seção 3.1.3, a seguir. Em relação à obra de Jacques Raymundo¹⁰, comentá-la-emos ao tratar das hipóteses etimológicas (seção 3.3.3).

3.1.3 Dicionários especializados

Consultamos alguns dentre muitos dicionários especializados, tanto sobre o tema das religiões afrobrasileiras quanto sobre africanismos.

a) Pinto (1975)

No “Dicionário da Umbanda” de Altair Pinto, lemos um longo verbete que, primeiramente, estabelece uma sinonímia entre “macumba” e “candomblé” e, em seguida, traz uma descrição de uma cerimônia religiosa que pode ser associada a diversas religiões de matriz africana.

MACUMBA — Significa Candomblé. Sessão de terreiro. A Macumba nada mais representa do que uma cópia fiel do que se praticava antigamente com respeito ao culto pagão das Divindades, por eles cultuadas no seu ponto de origem e que, embora se assemelhando em tudo a uma forma do Espiritismo, se personaliza de um modo todo especial o qual, por meio de gestos, cantos e danças, acompanhados de farto e vibrante material sonoro, entremeados de rodopios com fundo cabalístico, numa coreografia essencialmente policrômica e folclórica, são dançados e riscados os seus rituais, ao som dos Atabaques, Macumbas, Agogôs, Tambores, Rumpis, Agês, Adejás Xaquexaques, etc. Na Macumba, o chefe de terreiro é o PAI-DE-SANTO que, como tal, possui todas as características de mandante. Ele ordena todas as

¹⁰ Inicialmente, não havíamos tido acesso ao texto de Jacques Raymundo; no entanto, o trecho relevante nos foi apresentado por um(a) parecerista anônimo(a) que avaliou este artigo antes da versão final, a quem agradecemos por isso e pelos demais comentários que nos levaram a enriquecer a versão final deste artigo.

celebrações dos Gingos, mandando executar as macumbas, curimbas ou cangiras, durante as quais são atendidos todos os filhos de fé. Para dar ajuda aos Pais-de-Santo ou Mães-de-Santo, instruem-se os Ogãs e os Cambonos, quando fazem parte do setor masculino, e Mães-Pequenas, Jabonans e Sambas, no setor feminino. Fazendo parte do terreiro, vêm, a seguir, os Filhos ou Filhas-de-santo, que são os médiuns já desenvolvidos ou ainda em desenvolvimento, que cedem seus corpos à manifestação dos Orixás. Como parte do ritual, existem os pontos cantados e riscados, os quais são puxados ao som dos instrumentos que fazem parte da orquestra (Pinto, 1975, p. 119).

Chama a atenção a equivalência entre macumba e candomblé, que também já foi apontada nos dicionários gerais, e que, como mostraremos na seção 3.2.4, já é contestada desde as primeiras ocorrências da palavra, no século XIX. Também se observa, no texto do verbete, o emprego de “macumba” para designar o instrumento musical.

b) Cacciatore (1988)

O “Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros” teve sua primeira edição em 1977. Na terceira edição, à qual tivemos acesso, lemos:

Macumba Antigo instrumento musical de origem africana, usado outrora nos terreiros afro-brasileiros. Era um tubo de taquara, com cortes transversais, onde eram raspadas duas varetas. O instrumento era seguro entre a parede e a barriga do tocador. Semelhante ao canzá. // Termo genérico para os cultos afro-brasileiros derivados do nagô, mas modificados por influências angola-congo e ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas que se desenvolveram, a princípio, no Rio de Janeiro e talvez em Minas Gerais. // Nome que os leigos usam para os cultos que empregam a magia negra e que os adeptos de Umbanda de Linha branca chamam Quimbanda. // Nome genérico que os leigos usam para designar cultos afro-brasileiros. // Sinônimo, para os leigos, de feitiçaria e de “despacho” de rua. // Necessidades fisiológicas, em terreiros nordestinos (AL). F. p. - kimb.: “ma” - tudo que assusta; “kumba” - soar (som assustador). Ou de “maku” - pp.; “mba” - sortilégio (Cacciatore, 1988, p. 166-7).

E, em seguida, no verbete “macumbas”, lemos:

Macumbas Filhas de santo de nação “cambinda” (banto), segundo João do Rio, cronista carioca do princípio do século. Recebiam vários santos cada uma, sendo por isso desprezadas como inferiores pelos

adeptos do Candomblé nagô. F. p. - do kimb. V. macumba. Ou transposição de mucamba (V.) (Cacciatore, 1988, p. 167).

É possível ver claramente nesses dois verbetes a inspiração para as definições presentes nas obras lexicográficas gerais do final do século XX e início do XXI. Também é daqui a fonte para a acepção “excremento” do Houaiss *online* (s/d). A menção a João do Rio também é relevante e será retomada na seção 3.2.5, em que hipotetizamos que essa acepção é decorrente de um equívoco na interpretação do texto.

c) Gonçalves (1995, *apud* Oliveira, 2006, p. 58)

Num trabalho acadêmico sobre a influência das línguas africanas em Minas Gerais, Oliveira (2006, p. 58) cita um trabalho anterior de Eugênia Dias Gonçalves¹¹, ao qual não tivemos acesso:

Macumba. Certa seita. Instrumento musical de guerra. “Após a abolição da escravatura, este instrumento foi usado para chamar os adeptos aos cultos dos ancestrais no Rio de Janeiro. A palavra se estendeu para a seita. Hoje, usado de forma preconceituosa para todas as oferendas aos deuses (externas).” GONÇALVES, 1995, f. 14. Belo Horizonte.

A explicação apontada por Gonçalves traz um elemento novo: a hipótese de *macumba* designar um instrumento musical “de guerra”. Além disso, é aventada a hipótese de que o nome do instrumento é que se estendeu, por metonímia, para designar os ritos religiosos. Essa hipótese, para a qual encontramos algum respaldo nos dados históricos, será discutida na seção 3.3.10.

d) Castro (2001)

O trabalho de Castro (2001) apresenta um vocabulário de palavras de origem africana empregadas na Bahia. No verbete “macumba” (p. 270), lemos:

MACUMBA (banto)1.(^oPS) -s.f. denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras de base **congo-angola**, que incorporaram orientações ameríndias, católicas e espíritas, com predominância do culto ao **caboc(l)lo** e **preto-velho**. Prevaleciam no

¹¹ GONÇALVES, Eugênia Dias. **O vocabulário dos Tata n’Ganga Mukice da Irmandade de N. S. do Rosário do Bairro Jatobá, Belo Horizonte, Minas Gerais**. Belo Horizonte: FAFI-BH, 1995.

Rio de Janeiro e, ainda hoje, nas zonas rurais. Cf. **candomblé, umbanda**. Kik./Kimb. *makuba*, reza, invocação.

2.^(ºBR) -s.f. sessão de feitiçaria, de magia-negra; **despacho**. Ver **quimbanda**. Cf. **macumbe(i)ro**.

3.^(ºBR) -s.f. denominação popular das manifestações religiosas afro-brasileiras no Rio de Janeiro e em zonas rurais de várias regiões brasileiras.

Em termos da descrição das acepções, essa obra não traz novidades em relação às obras anteriores. É digna de nota, no entanto, a hipótese etimológica trazida pela autora: do quicongo/quimbundo *makuba*, significando reza ou invocação.

e) Lopes (2003)

Na segunda edição da obra de Nei Lopes (visto que não tivemos acesso à primeira), são apresentados cinco verbetes homônimos, os quais transcrevemos integralmente a seguir:

MACUMBA [1], s. f. (1) Designação genérica e pejorativa dos cultos afro-brasileiros e seus rituais; (2) Audácia, ousadia (SC). De origem banta mas de étimo controverso. Nascentes, talvez fazendo eco a Raymundo, prende ao quimbundo *makumba*, pl. de *dikumba*, cadeado, fechadura, em virtude das “cerimônias de fechamento de corpos” presentes nesses rituais. Para nós, vem de *cumba*, feitiçeiro, com uma possível adição do prefixo plural *ma*. Q. v. tb. o quicongo *makumba*, pl. de *kumba*, prodígios, fatos miraculosos. E o afro-cubano *mayumba*, bruxaria.

MACUMBA [2], s. f. Espécie de reco-reco (BH). - Do quimbundo *mukumbu*, som, provavelmente.

MACUMBA [3], s. f. (1) Cada uma das filhas-de-santo em terreiros de origem banta (OC). (2) O mesmo que macuma (JR) - Do umbundo *kumba*, conjunto de domésticos, serviçais, escravos; família, morando dentro do mesmo cercado (Alves).

MACUMBA [4], s. f. Espécie de antigo jogo de azar - Abon.: “A imprensa chama a atenção da polícia para o vício do jogo. E as autoridades perseguem os praticantes do gabizo e da macumba efetuando várias prisões na Rua da Lampadoza” (Delso Renault, *O dia-a-dia do Rio de Janeiro segundo os jornais*, Ed. Civilização Brasileira, 1982, pág. 51). De origem banta.

MACUMBA [5], s. f. Maconha - Abon.: “Entre outros, a erva conhecida no Rio de Janeiro - segundo Manuel Querino - por *pungo* e por *macumba* na Bahia; e em alagoas por *maconha*” (Gilberto Freyre, *Casa Grande & senzala*, 1975, nota 73, pág. 393) - Erro de transcrição? (Lopes, 2003, s.v. “macumba”).

Os dados apresentados por Lopes (2003) propõem reflexões importantes. Inicialmente, imaginamos que seja provavelmente dessa obra que o dicionário Houaiss *online* (Houaiss e Villar, s/d) extraiu as acepções “filha-de-santo”, “audácia” e “maconha”. A acepção de “jogo de azar”, por sua vez, parece não ter sido incorporada em outras obras lexicográficas. Também é importante notar a associação que Lopes faz entre a acepção “filha-de-santo” e a forma “macuma”, já registrada nos dicionários do século XIX (cf. seção 3.1.1). Assim, essa seria a forma homonímica (ou variante) mais antiga atestada na língua portuguesa. Por fim, a acepção “maconha” talvez seja um erro de transcrição e não um uso real.

O autor apresenta três possíveis explicações etimológicas: o quimundo *makumba* (citando Nascentes); *cumba* “feiticeiro” com o prefixo plural *ma-*; ou o quicongo *makumba* “prodígios, fatos miraculosos”. Essas hipóteses serão discutidas na seção 3.3.

f) Azevedo (2012)

O dicionário de Azevedo (2012, p. 162), traz um verbete assinado por Eugênia Dias Gonçalves (a mesma autora da obra já citada Gonçalves, 1995), em que são apresentadas quatro acepções:

MACUMBA Nos ritos*^s afro-brasileiros, convergência de vários termos de origem banto, com significados diversos. (1) Filha de santo em terreiro de candomblé* de nação cabinda. Como essas “macumbas” eram desprezadas pelos adeptos do candomblé nagô, pelo fato de incorporarem diversas divindades (e não só seu orixá* de cabeça), o termo tornou-se uma forma pejorativa de referir-se à religião por elas seguida, no sentido de feitiçaria, magia* negra ou superstição, e não de rito religioso genuíno. (2) Termo genérico e pejorativo usado por leigos para designar todos os cultos*^s de origem africana e suas práticas, particularmente as oferendas aos deuses, vistas como feitiçaria. (3) Forma pejorativa pela qual os adeptos da umbanda* “branca” designam a quimbanda*. (4) Instrumento musical trazido pelos bantos: tipo reco-reco. Por extensão, rito religioso no qual ele é usado. O “macumbeiro” é o praticante (tocador de macumba, chefe de terreiro

ou simples feiticeiro) ou adepto (assistente dos ritos, iniciado ou não) da macumba. (E.D.G.) (Azevedo, 2012, p. 162).

Inicialmente, a autora do verbete apresenta a hipótese de que teria havido a “convergência de vários termos”, a qual subscrevemos neste trabalho (cf. seção 3.3.11). No entanto, não fica claro se a autora considera que haveria quatro étimos diferentes, correspondentes às quatro acepções descritas. Para a primeira acepção, “filha-de-santo”, a autora retoma a explicação de Cacciatore (1988), aqui sem a menção a João do Rio; além disso, hipotetiza que teria sido a partir da discriminação sofrida por essas filhas-de-santo que teria surgido a acepção de “feitiçaria” (hipótese essa não presente em Cacciatore, 1988, sendo talvez uma extrapolação de Gonçalves). As acepções 2, 3 e 4 são também encontradas em outras obras lexicográficas. A mesma explicação de Gonçalves (1995) é apresentada aqui novamente: o sentido de instrumento musical passaria ao de rito religioso em que esse instrumento é usado.

A explicação apresentada pela autora para o surgimento da acepção pejorativa de “feitiçaria” é, em certo sentido, contraintuitiva: a pejoratividade do termo pode decorrer, simplesmente, do preconceito sofrido pelos praticantes dessas religiões, que é, por sua vez, decorrente do preconceito racial, mais geral, presente na sociedade brasileira. No entanto, a discriminação mencionada parece de fato ter ocorrido (cf. a menção a João do Rio na seção 3.2.5) e pode estar relacionada à rivalidade entre “macumba” e “candomblé” já presente desde o século XIX. São necessárias mais pesquisas de cunho histórico para identificar a validade dessa hipótese.

g) Van Der Poel (2013)

A obra de Van Der Poel (2013, p. 593) é a mais recente dentre as que analisamos aqui. O autor comenta sobre a dificuldade de obtenção de dados objetivos a respeito da história da macumba, mas cita estudos de diversos pesquisadores sobre o tema:

MACUMBA | [Do quicongo “macumba”, murmúrios.] É difícil conseguir dados claros e objetivos sobre a história e o significado social e religioso da macumba. Talvez tenha sido o culto afro dos pobres, diferente do candomblé, que é bem mais organizado. ♦ Em 1934, Luciano Gallet.16 descreveu a macumba como de origem **cabinda** e,

portanto, banto do norte de Angola. A filha de santo em terreiro de candomblé banto de nação cabinda é chamada de macumba.¹⁷ Em 1934, Arthur Ramos a definiu como “culto banto dos negros do Rio de Janeiro”¹⁸ e, em 1935, como “primitivo instrumento musical e centro de feitiçaria”¹⁹. Segundo Roger Bastide, a macumba corresponde ao “mínimo de unidade cultural necessária à solidariedade dos homens face a um mundo que não lhes traz senão insegurança, desordem”²⁰. Valdeli Carvalho da Costa analisou a lenta introdução dos orixás de origem nagô nestes terreiros, entre 1904 e 1934.²¹ ♦ Observa-se que, na macumba e nos cultos da nação cabinda, o filho de santo recebe, uma após outra, várias entidades, e não uma só como acontece no candomblé iorubá. ♦ A macumba certamente contribuiu para o surgimento da **umbanda**, nome genérico dos cultos afro-brasileiros com influências católicas e espíritas, sobretudo no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No Maranhão, a cidade de Codó, na zona do cerrado, carrega a fama de ser “a terra da macumba”. ♦ Hoje, a palavra macumba é uma designação associada, às vezes de forma pejorativa, a algumas tradições da umbanda ou mesmo ao candomblé; ver Canjerê. ♦ Existem, entre os católicos, certas práticas que visam a *atrapalhar a macumba* e impedir que os guias baixem no terreiro; p.ex., basta rezar um credo antes do começo da cerimônia e **cruzar** os braços para que nenhum guia desça, seja de direita ou de esquerda. (inf.: E.S.G., São Paulo-SP/1996.) ♦ Terreira de **quimbanda**. ♦ Despacho ou feitiço. Achar uma macumba numa encruzilhada ou na porta. A capoeira do grão-mestre Dunga canta: (solo:) *Quem me jogou macumba/ Essa macumba não me pegou.* (grupo:) *Quem te jogou macumba/ essa macumba não te pegou.* (solo:) *Eu tenho fé em Deus/ essa macumba não te pegou.* (grupo:) *Você tem fé em Deus/ Essa macumba não te pegou.* *Eu sou pai de santo/ Essa macumba não me pegou.* *Eu sou capoeira/ Essa macumba não me pegou.* (Belo Horizonte-MG/2000). ♦ >> LUZ, Marco Aurélio; LAPASSADE, Georges. O segredo da macumba. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972 (Van Der Poel, 2013, p. 593).

Nesta obra, encontramos uma hipótese etimológica que não havia sido mencionada ainda, e a associação da macumba com a umbanda, outro nome genérico de cultos afrobrasileiros que carrega menos conotações pejorativas. A ênfase do autor na origem cabinda da macumba pode corroborar a ideia de que a acepção “filha-de-santo” teria alguma centralidade, o que será discutido na seção 3.2.5.

Dessa forma, pudemos observar que os dicionários especializados contribuíram para uma descrição mais minuciosa das várias acepções da palavra, bem como das

diversas hipóteses etimológicas. Também foi possível identificar que alguns desses dicionários influenciaram diretamente os dicionários gerais.

3.2 História das atestações da palavra *macumba*

Nesta seção, apresentaremos os dados referentes às primeiras ocorrências da palavra *macumba* que pudemos encontrar, na tentativa de estabelecer o seu *terminus a quo*.

3.2.1 Macumba numa gramática do quimbundo

Em 1805, foi publicada a “Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense”, que trata da questão do estudo e do ensino da gramática do quimbundo. Nela, à p. 15, o frei capuchinho Bernardo Maria de Cannecattim registra as palavras em quimbundo “*ricúmba*” (o cadeado) e o seu plural “*macúmba*” (os cadeados). Assim, essa não seria uma atestação válida como *terminus a quo* na língua portuguesa, mas pode ter sido a fonte para a hipótese etimológica proposta por Nascentes (1966).

3.2.2 Macumba num erro tipográfico?

No poema “Canção”, de António Cândido Gonçalves Crespo, escrito originalmente em 1870 e publicado em 1871 (Crespo, 1871, p. 120-122), ocorrem os versos “Um dia encontraram na escura senzalla / O catre da bella mucamba vazio” (Crespo, 1871, p. 122). Esse poema é reproduzido num texto de Luciano Cordeiro, publicado em 1874 (Cordeiro, 1874, p. 157), mas com a palavra “macumba” em vez de “mucamba”. É provavelmente um erro tipográfico, mas talvez possa ser uma evidência de que o comentador (ou o editor ou, ainda, o tipógrafo) associasse ambas as formas como variantes.

3.2.3 As primeiras atestações indubitáveis de macumba e macumbeiro

Nas páginas policiais do *Diário de Notícias* do ano de 1870, é possível acompanhar um conjunto de textos referente a um líder religioso afrobrasileiro

conhecido por Juca Rosa. Por se tratar de textos de relevância não só linguística, mas também histórica e social, optamos por dedicar a eles alguns parágrafos deste artigo.

O primeiro deles é uma nota breve publicada na edição n. 95, de 22 de novembro de 1870 (Diario, 1870a):

Ao muito activo e incansavel dr. 2º delegado de policia devemos a importante prisão do celebre José Sebastião da Roza que foi effectuada no dia 18 do corrente. A s. s. devemos esta importante deligencia, visto ser o mesmo um desses especuladores que a troco de “dar fortuna” punha em jogo o secego (sic) do lar domestico: e vendia os seus philtros e raizes por bom dinheiro. Consta-nos que innumeras victimas e familias, até de alguma posição, se acham envolvidas neste processo monstruoso em que apparecem casamentos, baptisados, ataques á honra, tudo realisado pelo mesmo heróe. Temos á mão pormenores curiosos sobre este grande “feiticeiro” que publicaremos amanhã; não o fazendo hoje por falta de espaço: mas promettendo aos nossos leitores instruil-os do interessante processo que já se acha instaurado pelo dr. 2º delegado de policia, a quem, damos os nossos emoras, por ter livrado esta cidade de uma entidade tão perigoza.

Na edição do dia seguinte (edição n. 96, do dia 23 de novembro - Diario, 1870b), é possível ler o texto intitulado “Importante diligencia policial”, que descreve algumas das práticas de feitiçaria atribuídas a Juca Rosa. Trata-se de um texto escrito em linguagem altamente sensacionalista e repleto de preconceitos e concepções equivocadas do que se constituem as práticas religiosas afrobrasileiras; por vezes também fica evidente que algumas das cenas descritas são ficcionais. O jornal passou a explorar o tema diariamente, de forma claramente sensacionalista, com mais notas publicadas (sempre à primeira página e sob o mesmo título) nos dias seguintes.

Em relação ao que nos interessa, que é encontrar as primeiras ocorrências de *macumba*, importa trazer o seguinte trecho, publicado na edição n. 98, de 25 de novembro (Diario, 1870c), que descreve uma cerimônia em que um indivíduo vai se consultar com o líder religioso:

[...] entrava o consultante, ao toque de “tan tan” [...]. O neophito então, fazia o seu requerimento, entregando a Juca Rosa, 500\$. Este expunha á assembléa, as necessidades do assistente, e pedia-lhe a sua intervenção benefica em prol do generoso, que tão boa offerta acabava

de fazer-lhe. [Segue a descrição de um transe mediúcnico, repleta de preconceitos.] Em seguida a este acto em que Juca Rosa parecia epilético, o macumbeiro (consultante) era novamente interrogado [...].

Tem-se aqui a primeira ocorrência, não da palavra “macumba”, mas sim de seu derivado “macumbeiro”, em referência a um consulente (certamente um praticante desse culto). É importante notar que o autor do texto incluiu, logo após “macumbeiro”, um sinônimo entre parênteses, revelando claramente o sentimento de neologia (Alves, 2007, p. 83), ou seja, a indicação de que a palavra era desconhecida da maioria dos leitores e era sentida como um neologismo.

A mesma palavra reaparece na edição n. 102, de 30 de novembro (Diário, 1870d), agora em referência ao próprio Juca Rosa, e novamente acompanhada de um sinônimo (feiticeiro), mais uma indicação do sentimento de neologia:

Essa pleiade capitaneada por Juca Rosa, concentrava-se n’uma casa da rua do Nuncio, onde atrahia grande numero de pessoas, de cuja credulidade latamente abuzava. Pae Quibombo, tal era a denominação de Sebastião Rosa, dizia-se feiticeiro ou macumbeiro [...].

A primeira ocorrência de *macumba* ocorre na edição n. 107, de 6 de dezembro (Diário, 1870e), num contexto em que claramente se refere a um instrumento musical:

[...] que a cerimonia com o titulo *brincadeira*, de que se tem fallado, consistia em reunir-se no lugar uma porção de homens e de mulheres ante um altar onde se tocavam macumbas, cantando-se em lingua africana, e dançando-se eroticamente.

Na edição do dia seguinte (n. 108, de 7 de dezembro - Diário, 1870f), a palavra “macumba” é explicada com um comentário metalinguístico: “[...] que uma hora depois d’entrar começou a cerimonia tocando os circumstantes um instrumento que lhe chamam macumba, cantando-se em linguagem inintelligivel [...]” (Diário, 1870f).

A palavra volta a aparecer no ano seguinte, agora no jornal *O Despertador*, publicado em Santa Catarina. Na edição de 24 de março de 1871, em referência ao mesmo caso do feiticeiro Juca Rosa, encontramos a palavra *macumba* novamente para

se referir a um instrumento musical, aqui com um destaque tipográfico que, novamente, evidencia o sentimento de neologia.

Afirmão essas testemunhas [...] que o primeiro recorrente [...] exercia sua indicada profissão dançando diante de um altar de Nossa Senhora da Conceição, ou do Senhor do Bomfim, ao som de um instrumento chamado -macumba- tocado pelo segundo recorrente [...]. A dança, dizem, tornava-se vertiginosa e o primeiro recorrente a final cahia e dormia, estando então com o santo na cabeça; e quando accordava resolvia as consultas (DIVERSAS OCCURENCIAS, 1871).

Assim, as ocorrências mais antigas que encontramos de *macumba* são em referência ao instrumento musical, o que parece corroborar a hipótese, aventada por Gonçalves (cf. seção 3.1.3), de que a acepção de “instrumento musical” precede a de “designação genérica de um conjunto de cultos afrobrasileiros”. Porém, a ocorrência de “macumbeiro” para designar o praticante da religião (seja o consulente, seja o sacerdote) é pelo menos tão antiga quanto. Se a acepção primeira fosse mesmo a de instrumento musical, esperaríamos que “macumbeiro” designasse inicialmente o instrumentista. Essa questão será retomada na seção 3.3.10.

3.2.4 Outras atestações de macumba no século XIX

A próxima ocorrência de *macumba* que encontramos foi em 1872, na capa da edição de número 279, do jornal *A República* (Notícias, 1872). Aqui, *macumba* é o apelido de Julio Macumba, um capoeirista preso pela polícia por causar desordens: “**Capoeira.**- A policia acaba de capturar o celebre desordeiro Julio Lopes de Oliveira, vulgo Julio Macumba, camarada e companheiro de Ignacio João Dias, ha pouco preso” (Notícias, 1872). O contexto não permite identificar a motivação do apelido; é possível hipotetizar que fosse um praticante de uma religião afrobrasileira, ou talvez um instrumentista tocador de macumba. Na seção 3.2.6, também mencionaremos a interpretação de que fosse um etnônimo.

Alguns anos depois, a palavra aparece no *Jornal do Commercio*, na edição n. 105, de 15 de abril de 1880 (aqui referenciada pelos autores: Os Candomblés, 1880). Esse é

o contexto apontado como mais antigo pelo dicionário Houaiss (cf. seção 3.1.1). Esse texto apresenta grande interesse histórico, por evidenciar a rivalidade entre diferentes grupos religiosos: trata-se de praticantes de candomblé denunciando os praticantes da macumba.

Ao Sr. Dr. chefe de policia. Chama-se a atenção de S. Ex. para certas casas de dar fortuna, pelas ruas do Sabão, Senhor dos Passos e Alfandega, onde se reúne a pior gente, para dansar a tal *macumba*, e consta que têm licença para isto, incomodando assim a vizinhança. Os candomblés (Os Candomblés, 1880).

É possível hipotetizar que os praticantes do candomblé, ao redigir essa nota dirigida à polícia, estariam tentando legitimar-se ao se oporem a outras práticas afrobrasileiras apresentadas como inferiores e causadoras de incômodos. Do ponto de vista linguístico, é relevante observar que a palavra *macumba* já é colocada com uma grande carga de pejoratividade (evidenciada pela expressão “pior gente”); além disso, a presença do pronome “tal” e da marca tipográfica em itálico novamente indicam o sentimento de neologia, ou seja, a palavra era percebida como nova ou como pouco conhecida de todos. Aqui, claramente não se trata do instrumento musical, mas sim do rito religioso, que envolve música e dança.

No livro de Alexandre José de Mello Moraes, “Os ciganos no Brazil, contribuição ethnographica”, publicado em 1886 (e também repleto de preconceitos e concepções equivocadas), encontramos versos de alguma canção religiosa, em que *macumba* é glosada, numa nota de rodapé, como “instrumento musico”:

Eis um verso do candomblé do *Pendura-Saia*:

*Ganga*¹, olha na *macumba*²,
Teu pai era um *banda*³, *ganga* !
Olha na *macumba*, *ganga*,
Ganga, olha na *macumba* !

¹ Senhora.

² Instrumento musico.

³ Chefe, feiticeiro (Mello Moraes, 1886, p. 191).

O emprego do verbo “olhar” (“olha na macumba”) e a presença de “banda” glosado como sinônimo de “feiticeiro” fazem pensar que, aqui, na verdade não se

trataria da acepção de “instrumento musical”, mas sim de “rito religioso”. Talvez o autor desconhecesse essa acepção e estivesse apenas reproduzindo o que teria visto em outro contexto, o que pode ser uma evidência indireta de que a acepção de “instrumento” teria sido na época mais difundida, mas não necessariamente a mais antiga.

3.2.5 Macumba como “filha-de-santo” em João do Rio (1905)

Na crônica “As Iauõ” (sic), publicada na obra “As Religiões no Rio” (Rio, 1905), o cronista João do Rio (pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto) descreve (novamente, não livre de preconceitos e equívocos) algumas práticas relacionadas à iniciação das mulheres (as chamadas “yaôs”) nas religiões afrobrasileiras. O narrador da crônica dialoga com um especialista no tema, de nome Antônio, que lhe explica que há duas principais tradições, a dos “orixás” e a dos “cambindas” (Rio, 1905, p. 16):

[...]
— Isto acontece só para as *yauô* dos *orixás*, diz Antonio.
— Ha outras?
— Ha as dos negros *cambindas*. Tambem essa gente é ordinaria, copia os processos dos outros e está de tal fórma ignorante que até as cantigas das suas festas têm pedaços em portuguez.
[...]
Eu estava attonito. Positivamente Antonio achava muito inferiores os *cambindas*.
— As *yaôu*?
— As filhas de sancto *macumbas* ou *cambindas* chegam a ter uma porção de sanctos de cada vez, manifestando-se na sua cabeça.

É esse o trecho que foi mencionado por Cacciatore (1988), que por sua vez provavelmente foi a base da acepção de número 6 do dicionário Houaiss e também inspirou a hipótese etimológica apresentada por Gonçalves (cf. seção 3.1.1). Assim, “macumbas” em João do Rio significaria “filhas de santo da nação cambinda”. No entanto, propomos aqui outra interpretação para esse texto: acreditamos que a

expressão “*macumbas* ou *cambindas*” está, na verdade, estabelecendo uma relação sinonímica entre essas duas palavras, e não entre “*macumbas*” e “*filhas-de-santo*”.

A distinção apresentada entre as filhas de santo “dos orixás” e “dos cambindas” pode estar se referindo à distinção, presente até hoje, entre os ritos afrobrasileiros de tradição iorubá/nagô (de onde se origina o culto aos orixás, e que tradicionalmente entoam seus cânticos na língua iorubá) e os ritos de tradição banta (que entoam seus cânticos numa mescla do português com expressões de origem africana e que são por vezes discriminados pelos praticantes dos ritos nagôs). Ou seja, tem-se aqui outra expressão da rivalidade entre grupos afrobrasileiros, como a já apontada entre “*candomblé*” e “*macumba*”, e novamente a *macumba* é colocada como o grupo inferiorizado.

Lemos no dicionário Houaiss *online* (Houaiss e Villar, s/d, s. v. “*cabinda*”) que “*cabinda*” ou “*cambinda*” é um grupo étnico banto originário da região de Cabinda (Angola), bem como era o nome dado a qualquer pessoa negra escravizada originária da costa norte de Angola, independentemente de ser da etnia cabinda. Assim, a expressão “*negros cambindas*” é possivelmente uma denominação genérica para várias pessoas de origem banta, e a expressão “*macumbas* ou *cambindas*” parece significar que essas pessoas também podiam ser chamadas de “*negros macumbas*”.

Portanto, parece-nos evidente que “*macumbas*” aqui não é um sinônimo de “*filhas de santo*”. A pergunta que podemos fazer é: seria “*macumbas*” equivalente a “*praticantes da (religião) macumba, dos negros cambindas*”? Ou, em vez disso, “*macumbas*” seria um sinônimo de “*cambindas*” e, portanto, uma expressão referente a pessoas?

Ao longo das primeiras décadas do século XX, a palavra *macumba* se difunde e passa a ser empregada em diversos contextos, inclusive literários. Assim, está presente em obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1928), *A viagem maravilhosa*, de Graça Aranha (1929), *Jubiabá*, de Jorge Amado (1935), entre outras, bem como em diversas letras de canções (principalmente no samba). Ainda que seja importante

identificar as acepções que *macumba* foi adquirindo nesse período, nossa análise não seguirá por esse caminho por razões de espaço. Em vez disso, propomos investigar brevemente a ideia de que *macumba* também teria se referido a um grupo de pessoas.

3.2.6 O etnônimo “macumbé”

Além do trecho de João do Rio que equivale “macumbas” a “cambindas”, há outras duas ocorrências em que *macumba* se refere a uma pessoa, e não a um instrumento musical ou a um culto: a alcunha “Julio Macumba” (mencionada na seção 3.2.4) e a possível associação com as formas “macuma” e “mucamba”, que se referem à mulher escravizada encarregada de trabalhos domésticos. Não acreditamos que esses dados sejam suficientes para embasar qualquer hipótese de que *macumba* tenha designado um grupo de pessoas. No entanto, existe o etnônimo “macumbé”, esse sim claramente uma designação de um grupo étnico, que hipotetizamos ser cognato de *macumba*.

A atestação mais antiga que encontramos dessa etnia é o inventário de Henrique da Silva Loureiro, falecido no ano de 1832 e que deixa de herança 39 escravos, entre eles uma, chamada Miquelina, de 25 anos, indicada como sendo da nação Macumbé. Esse inventário está reproduzido na obra de Pessi (2010).

Também encontramos a menção a essa etnia numa notícia sobre um leilão de escravos, publicada no Correio Mercantil em 11 de maio de 1853 (Correio Mercantil, 1853, p. 2), em que são listados diversos nomes com suas correspondentes etnias:

CORREIO MERCANTIL.

ANNO X. RIO DE JANEIRO. QUARTA-FEIRA 11 DE MAIO DE 1853.

N. 131

LEILÕES

“Hoje quarta-feira 11 de maio, leilão extraordinario de 30 escravos de ambos os sexos, todos de roça, por ordem dos Srs. Carvalho e Rocha, na rua de S. Pedro n. 63, por conta de quem pertencer.

Prosper Philigret faz leilão, hoje quarta-feira 11 de maio, dos escravos, como abaixo vão mencionados, na casa da rua de S. Pedro n. 63, de

ordem dos Srs. Carvalho e Rocha, e por conta de quem maior lance oferecer, afiançando-se somente a boa venda.

1.º Cypriano, nação Cassange. 2.º Pedro, nação Monjolo. 3.º Antonio, nação Cabundá.

[...] 8.º Joaquim, nação Macumbé.

O nome dessa etnia também está presente na brincadeira infantil de nome *maria-macumbé*, regionalismo do sul do Brasil, assim definida pelo Houaiss *online* (s/d, s.v. “maria-macumbé”): “brincadeira infantil em que todas as crianças, com exceção de uma, se escondem para serem procuradas por esta; maria-condé, maria-mucanguê, esconde-esconde”.

Fica assim evidente que pessoas dessa etnia vieram escravizadas para o Brasil; no entanto, isso não prova que tenha havido qualquer relação entre o nome da etnia e a religião ou o instrumento musical. O que estamos sugerindo é que não há um étimo único para todas as acepções, mas sim uma confluência de diversos étimos, entre os quais estaria também o nome da etnia. Assim, na seção seguinte, retomamos e discutimos todas as hipóteses etimológicas já encontradas e apresentamos a nossa proposta.

3.3 Hipóteses etimológicas já aventadas para *macumba*

Em nossa pesquisa, encontramos onze hipóteses, já previamente registradas em dicionários (gerais, etimológicos e especializados), às quais acrescentamos uma décima-segunda hipótese: a da influência do nome da nação macumbé. Entendemos que a hipótese mais adequada é a da confluência de vários étimos.

3.3.1 Hipótese 1 - “origem africana”

Trata-se menos de uma hipótese e mais de uma explicação etimológica genérica que não apresenta detalhamento sobre qual seria a língua de origem ou qual seria o significado original da palavra. É, evidentemente, uma hipótese verdadeira e constitui-se em praticamente tudo o que sabemos com certeza a respeito. Essa hipótese é

apresentada por José Pedro Machado (1956), pelo dicionário Aulete (1958) e por Silveira Bueno (1968).

3.3.2 Hipótese 2 - do quimbundo

Outros autores já afirmam, de forma mais específica, que a palavra se origina do quimbundo, mas sem informar o significado que a palavra teria nessa língua. É o caso do dicionário Aurélio (Ferreira, 1975, 1986, 1999), que grafa o étimo ora *ma'kúba* (1975, 1986), ora *ma'kôba* (1999); do dicionário etimológico de Cunha (1982), que não grafa o étimo, afirmando ser controverso; do dicionário Aulete digital (s/d), que grafa o étimo *ma'kôba*; do dicionário Michaelis (tanto na versão impressa de 1999 quanto na versão *online*), que grafa o étimo *makumba*; e do dicionário da Academia de Ciências de Lisboa (2001), que grafa o étimo *ma'kūba* (possivelmente inspirado na grafia do dicionário Aurélio).

3.3.3 Hipótese 3 - do quimbundo *ma'kūba* (cadeados, fechaduras)

Antenor Nascentes (1966) é mais específico ao afirmar que o étimo de “macumba” é o quimbundo *ma'kūba*, cujo significado é “cadeados, fechaduras”, relacionado a “cerimônias do fechamento de corpos” (Nascentes, 1966). Ou seja, além de afirmar que o étimo é quimbundo, descreve também o significado da palavra nessa língua. Tanto Lopes (2003) quanto o dicionário Houaiss *online* reproduzem essa mesma hipótese, afirmando também ser apresentada por Jacques Raymundo – texto que transcrevemos a seguir:

CUMBA, sm. Feiticeiro (Goiás). Adj. Decidido, forte, valente (S. Paulo). //Etim.: no primeiro sent. deve vir de kumba, abrev. de rikumba, fechadura, pl. makumba. No seg., se não há acção semântica, extensiva, deve relacionar-se com (ri)kuma, trago ou gole de bebida alcoólica; a ebriedade contribui para a destimidez (Raymundo, 1933, p. 124).

Como se pode perceber, a proposta etimológica de Raymundo é para a palavra *cumba*, e não para *macumba*; ou seja, a relação entre “cadeados” e as “cerimônias de

fechamento de corpos” pode ter sido uma extrapolação de Nascentes, visto não estar sequer implícita no texto de Raymundo (que não registra *macumba* nem *makumba*).

Acreditamos que essa hipótese tenha sido baseada apenas na identidade fônica entre as formas quimbundo e portuguesa, conforme apresentada pela gramática do quimbundo de Cannecattim (cf. seção 3.2.1). A associação com as cerimônias de fechamento dos corpos parece mais uma tentativa de dar algum sentido à hipótese etimológica ao encontrar forçadamente uma associação semântica muito vaga, que é apenas parcialmente verdadeira (visto que cerimônias de fechamento de corpos, ainda que ocorram, são um aspecto largamente secundário das religiões afrobrasileiras¹²).

3.3.4 Hipótese 4 - do quimbundo ma (o que assusta) + kumba (soar)

Essa hipótese é uma das apresentadas por Cacciatore (1988) e é reproduzida pelo dicionário Houaiss *online*. Não está claro se a autora propõe esse étimo apenas para o nome do instrumento (que, por metonímia, passaria ao nome do culto) ou já para o nome do culto. Também não pudemos verificar se essas palavras de fato existem ou existiram em quimbundo.

3.3.5 Hipótese 5 - do quimbundo maku + mba (sortilégio)

Trata-se da outra hipótese proposta por Cacciatore (1988). Nesse caso, parece mais provável que a hipótese se refira ao nome do culto. Não verificamos se essas palavras de fato existem ou existiram em quimbundo.

¹² É sabido que Antenor Nascentes era ele mesmo um homem negro, mas por ser da elite carioca, não há evidências de que ele fosse praticante ou ao menos conhecedor das religiões afrobrasileiras. Desconhecemos a origem étnica ou outros aspectos da vida de Jacques Raymundo. Caso se evidencie que ele conhecia mais “de perto” essas religiões, essa hipótese ganharia mais força.

3.3.6 Hipótese 6 - do quicongo makumba (prodígios, fatos miraculosos)

Essa hipótese é mencionada por Lopes (2003) e reproduzida no dicionário Houaiss *online*, ainda que não seja a hipótese que o autor apresente como a mais provável. Também não buscamos conferir se essa palavra existe ou existiu em quicongo.

3.3.7 Hipótese 7 - de cumba (feiticeiro) com possível adição do prefixo plural ma-

Essa é a hipótese preferida de Lopes (2003). A palavra *cumba* está registrada no dicionário Houaiss *online* (s/d) com duas acepções: “que ou aquele que se mostra destemido; valente ou valentão”; e “que ou o que é dado a feitiçaria; feiticeiro”. A fonte desse verbete parece ser o texto de Raymundo (1933, p. 124), já mencionado na seção 3.3.3. É uma palavra pouco conhecida atualmente, mas talvez tenha sido empregada nos círculos religiosos afrobrasileiros e é potencialmente cognata de *macumba*. Para confirmar ou refutar essa hipótese, é necessário identificar os seus empregos mais antigos.

3.3.8 Hipótese 8 - do quicongo/quimbundo makuba (reza, invocação)

A única autora que apresenta essa hipótese é Castro (2001). Também é uma hipótese que deve ser verificada pela existência atual ou pretérita dessa palavra nessas línguas.

3.3.9 Hipótese 9 - do quicongo macumba (murmúrios)

Esta hipótese é apresentada apenas por Van Der Poel (2013) e também necessita de verificação. Seriam os sentidos “murmúrios” e “reza” relacionados?

3.3.10 Hipótese 10 - o nome do culto derivaria do nome do instrumento musical

A hipótese de que o nome do culto (ou, como vimos, do conjunto de cultos) deriva, por metonímia, do nome do instrumento musical (que teria sido empregado nesses cultos) é apresentada por Eugênia Dias Gonçalves em duas obras: a de 1995 (à qual não tivemos acesso e citamos aqui *apud* Oliveira, 2006) e o verbete em que ela assina para a obra de Azevedo (2012). Etimologicamente, tem-se o problema de que é necessário identificar o étimo do nome do instrumento. Do ponto de vista histórico, os dados que apresentamos na seção 3.2.3 dão algum respaldo a essa hipótese, visto que as primeiras atestações que encontramos para “macumba”, que datam de 1870, são sempre relativas ao instrumento musical. A acepção mais antiga que encontramos para o culto é de 1880, ou seja, posterior em dez anos. No entanto, a ocorrência de “macumbeiro” como sinônimo de “feiticeiro” (e não de “músico instrumentista”) já em 1870 traz uma complicação a mais para essa interpretação. De qualquer forma, parece-nos possível afirmar que as duas acepções podem ter se influenciado mutuamente naquele momento histórico.

3.3.11 Hipótese 11 - confluência de vários étimos

A ideia de que cada acepção pode ter um étimo diferente aparece em diversos autores. Machado (1956) parece adotar implicitamente essa hipótese, ao separar as duas acepções como entradas diferentes. Outros autores são mais explícitos quanto a isso. Cacciatore (1988) propõe duas hipóteses diferentes para o nome do culto, mas sugere que a acepção “filha-de-santo” estaria relacionada à palavra “mucamba”. Nei Lopes (2003) apresenta uma hipótese etimológica para cada uma das acepções: além das hipóteses aqui numeradas em 3, 6 e 7, para o nome do culto afrobrasileiro; o autor propõe que o nome do instrumento musical derivaria do quimbundo *mukumbu* “som”; e a acepção “filha-de-santo” derivaria do umbundo *kumba* “conjunto de serviços”.

Eugênia Dias Gonçalves (no verbete publicado em Azevedo, 2012) afirma textualmente que se trata da convergência de diversas palavras de origem banta. Por fim, cabe mencionar também o historiador Luiz Antônio Simas, em obra sobre religiões afrobrasileiras (Simas, 2021), que, após repassar alguns estudos etimológicos, chega à seguinte conclusão:

A expressão “macumba”, portanto, pode designar tanto uma espécie de reco-reco como as cerimônias religiosas. A etimologia, porém, é distinta nos dois casos: a primeira deriva do quimbundo e a segunda, do quicongo. De antemão, é importante dizer que esse jogo é travado no campo das sugestões. A etimologia, não raro, é um campo do saber quase detetivesco, em que pistas vão sendo colhidas para que se estabeleça uma hipótese, mediante evidências, capaz de elucidar o mistério.

Essa é a hipótese à qual subscrevemos neste artigo. É possível entender que, em uma situação em que se comunicavam falantes de línguas diferentes (ainda que, em sua maioria, do mesmo tronco linguístico, o banto), palavras foneticamente semelhantes de línguas diferentes podem ter confluído e se influenciado mutuamente, de modo comparável aos casos de analogia já bem documentados (cf. Viaro, 2011, p. 202-4). A partir dessa ideia, propomos uma décima-segunda hipótese, que é a influência do nome da nação Macumbé.

3.3.12 Hipótese 12 - influência de macumbé

Aceitando que a palavra *macumba* não apresenta um étimo único, mas sim deriva da confluência de vários étimos, a pesquisa etimológica passa a buscar identificar quais são as palavras que mais provavelmente forneceram elementos fonéticos e semânticos para *macumba*. Os significados mais ligados ao campo semântico das práticas religiosas (como “sortilégio” e “prodígio”) e da música (como “soar”) teriam, assim, maior grau de probabilidade de terem contribuído na formação dessa palavra.

Propomos acrescentar a esses elementos o nome da nação Macumbé, etnia do grupo banto que já comprovamos ter estado presente no Brasil. A partir da interpretação de que “macumba” em João do Rio se refere a um grupo étnico (cf. seção 3.2.5), hipotetizamos (a ser verificado em trabalhos futuros) que a palavra “macumbé” pode também ter fornecido elementos fonéticos e semânticos para *macumba*, no sentido de que pessoas dessa etnia podem ter influenciado de alguma forma os cultos religiosos (como é sugerido pela associação entre “macumbas” e “cabindas” de João do Rio).

4 Considerações finais

Com base nos dados e nas pesquisas em dicionários, identificamos onze acepções para *macumba*, para as quais apresentamos as seguintes hipóteses etimológicas:

1. Designação genérica de um conjunto de cultos afrobrasileiros. Essa é a acepção mais comum e mais difundida. Seu étimo é provavelmente uma confluência de palavras de origem banta, com a provável influência do nome de um instrumento musical;
2. Ritual ou cerimônia desses cultos. Essa acepção é derivada por metonímia da primeira acepção;
3. Designação leiga dos cultos afrobrasileiros em geral. É provavelmente derivada da primeira acepção por generalização, visto que os leigos, sem serem capazes de distinguir entre candomblé, macumba e outros cultos, passam a denominar todos eles (pejorativamente) por “macumba”;
4. Feitiçaria, magia negra. Derivada por metonímia das acepções 1 e 2, visto que se supõe que nesses cultos seja praticada a feitiçaria;
5. Oferenda colocada nas encruzilhadas. Também deriva por metonímia das acepções 1 e 2, visto que essas oferendas são parte integrante dos cultos afrobrasileiros.

6. Certo instrumento musical de origem africana. Seu étimo é provavelmente uma confluência de palavras de origem banta (como a hipótese 4 “soar assustadoramente” ou do quimbundo *mukumbu*), influenciada também pelas acepções 1 e 2, visto que esse instrumento era empregado nesses cultos;
7. Filha-de-santo da nação cabinda. Acreditamos que essa acepção, ainda que registrada em diversas obras, nunca foi de fato empregada, tendo seu registro devido a uma interpretação equivocada do texto de João do Rio (1905). No entanto, se ficar comprovado que essa acepção de fato existiu, seu étimo pode ser também a confluência de palavras de origem banta, em especial a forma mais antiga “mucamba” (e variantes “mucama” e “macuma”) e o nome da etnia Macumbé, influenciadas também pelas acepções 1 e 2;
8. Excremento. Essa acepção só aparece em Cacciatore (1988), tendo sido reproduzida pelo dicionário Houaiss *online*. Não encontramos hipótese etimológica nem evidência de ter sido muito difundida.
9. Ousadia. Essa acepção foi mencionada por Lopes (2003) e também reproduzida pelo dicionário Houaiss *online* (s/d). Não encontramos hipótese etimológica nem evidência de ter sido muito difundida.
10. Certo jogo de azar. Essa acepção foi mencionada apenas por Lopes (2003), mas com uma abonação, o que embasa a sua existência pretérita. O autor apenas informa ser de origem banta.
11. Maconha. Essa acepção também foi mencionada por Lopes (2003) e reproduzida pelo dicionário Houaiss *online*. É abonada em Gilberto Freyre, mas o próprio Lopes acredita ter sido fruto de um erro de transcrição.

A pesquisa pela etimologia de uma palavra é, como bem caracterizou Simas (2021), um trabalho “quase detetivesco”, que envolve a identificação de pistas e a elaboração de hipóteses embasadas nos conceitos teóricos de diversas áreas da Linguística, como a Linguística Histórica, a Semântica Lexical e a Lexicologia, bem como nos dados histórico-textuais e lexicográficos levantados. Na pesquisa pela

identificação da etimologia de *macumba*, tivemos que juntar várias peças de um quebra-cabeças para apresentar hipóteses que podem vir a ser refutadas por novas pistas ainda a serem encontradas.

A história de uma palavra tão culturalmente marcada como essa revelou, para além da pesquisa linguística propriamente dita, um capítulo da história social do Brasil, em especial do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, com diversos personagens reais, como o pai-de-santo Juca Rosa, o “desordeiro” Júlio Macumba, os escravizados da nação Macumbé, como Miquelina e Joaquim, e os vários praticantes das religiões de matriz africana nem sempre nomeados, como “os candomblés” que assinam uma nota no jornal e as filhas-de-santo da nação cabinda mencionadas na crônica de João do Rio. Ao mesmo tempo, cabe indagar quantos outros apagamentos teriam ocorrido, levando ao desaparecimento de riquezas culturais e de informações que teriam sido preciosas para a reconstituição desse momento histórico.

Do ponto de vista metodológico, julgamos importante enfatizar que essa pesquisa foi possibilitada pela riqueza de fontes primárias¹³ disponíveis *online*, especialmente os jornais da época, bem como diversas obras lexicográficas. Ainda assim, muitas outras fontes podem ainda surgir no futuro, à medida que mais publicações da época venham a ser digitalizadas e disponibilizadas.

A presente pesquisa, dessa forma, deixa ainda em aberto os seguintes pontos:

1. É preciso verificar os significados apresentados para as diferentes propostas etimológicas. Por exemplo, a ideia de “macumba” com o significado de “soar assustadoramente” realmente faz sentido no contexto das línguas da família

¹³ Estamos considerando que os textos jornalísticos do século XIX que empregamos (disponíveis *online* na forma de imagens) são fontes primárias, por serem documentos que registram os primeiros empregos de uma palavra. Em História, uma fonte primária é aquela que traz as palavras das testemunhas ou os primeiros registros de determinado evento (Poulton, 1972, p. 175). De maneira semelhante, em Etimologia, entendemos que as fontes primárias são os documentos que efetivamente circularam em determinada época e que registram os primeiros empregos efetivos de determinada palavra; já textos editados posteriormente, modernizados, bem como obras lexicográficas, devem ser considerados fontes secundárias.

banto? E as propostas de “sortilégio” ou “prodígios, fatos miraculosos”? Esses vários significados de fato existem ou existiram nessas línguas? Como algumas dessas hipóteses foram propostas por especialistas em Língua Portuguesa, História, Sociologia, Religião etc., será necessário que especialistas em línguas africanas façam essas verificações;

2. Não nos foi possível, até o momento, responder a indagação de Bonvini (2014), apontada na seção 2 deste texto, sobre quais acepções seriam propriamente africanas e quais seriam inovações brasileiras. Todas as hipóteses etimológicas aqui levantadas apontam na direção de que a palavra *macumba* é uma inovação inteiramente brasileira. Mais pesquisas são necessárias para verificar se há (ou houve), na África, um instrumento musical chamado “macumba”, ou se há (ou houve) práticas religiosas com esse nome;
3. Para o estudo das diversas acepções de *macumba*, é importante identificar em que momentos do século XX surgem as acepções de “oferenda” e de “magia negra”, bem como verificar se as acepções menos frequentes, como “excremento”, “ousadia” e “maconha”, de fato existiram ou se são fruto de erros ou interpretações equivocadas. Em relação à acepção de “filha-de-santo”, que aqui propomos ter sido uma interpretação equivocada de João do Rio, também é necessário confirmar se outros autores a registram ou não.

Esperamos, com este artigo, ter contribuído um pouco mais para o entendimento da história da língua portuguesa do Brasil, da dinâmica de incorporação dos africanismos e, conseqüentemente, da própria história social brasileira.

Referências

ACADEMIA das Ciências de Lisboa. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001. Disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=macumba>. Acesso em: 12 fev. 2024.

ALVES, I. M. **Neologismo. Criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ALVES, I. M.; MARONEZE, B. Neologia: histórico e perspectivas. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 6–32, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex7-v4n1a2018-1>. Acesso em: 31 jan. 2025.

AMADO, J. **Obras de Jorge Amado**: Jubiabá. Salvador: Martins, 1935, v. 4. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=UW0VAQAAMAAJ&q=jubiab%C3%A1+jorge+amado&dq=jubiab%C3%A1+jorge+amado&hl=ptBR&newbks=1&newbks_redir=0&a=X&redir_esc=y. Acesso em: 12 fev. 2024.

ANDRADE, M. **Macunaíma**. São Paulo: Oficinas Gráficas de Eugênio Cupolo, 1928.

ARANHA, G. **A Viagem maravilhosa**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1929. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3936>. Acesso em: 12 fev. 2024.

AULETE, F. C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

AULETE digital. Lexikon editora digital, s/d. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

AZEVEDO, A. C. A. **Dicionário histórico de religiões**. Coautoria e edição de Paulo Geiger. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Dicion%C3%A1rio_hist%C3%B3rico_de_religi%C3%B5es/k-qKDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=converg%C3%Aancia+de+v%C3%A1rios+termos+de+origem+bant%C3%B3+com+significados+diversos&pg=PA162&printsec=frontcover. Acesso em: 26 fev. 2024.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehard & Winston, 1933.

BONVINI, E. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 101-144.

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

CÂMARA Jr., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CANNECATTIM, Fr. B. M. **Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda, ou Angolense**. Lisboa: Impressão Regia, 1805. Disponível em: <https://www.ghtc.usp.br/server/Lusodat/pri/02/pri02243.htm>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CASTRO, Y. P. **Falares Africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

CORDEIRO, L. **Estros e palcos**. Lisboa: Livraria Pacheco & Carmo, 1874. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Estros_e_palcos/SJhfAAAACAAJ. Acesso em: 18 jul. 2024.

CORREIO Mercantil, 1853, n. 131, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=217280&pagfis=7490>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CRESPO, A. C. G. **Miniaturas**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1871. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=mLdLAOAAMAAJ&printsec=frontcover&source=gb_mobile_entity&newbks=1&newbks_redir=0&hl=pt&gl=BR&redir_esc=y#v=onepage&q=Mucamba&f=false. Acesso em: 12 fev. 2024.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico**. 2. ed. Nova Fronteira da Língua Portuguesa, 1982.

DIARIO de Noticias. Ano 1870a. n. 95. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369357&pasta=ano%20187&pesq=Juca%20Rosa&pagfis=369>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIARIO de Noticias. Ano 1870b. n. 96. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369357&pasta=ano%20187&pesq=Juca%20Rosa&pagfis=373>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIARIO de Noticias. Ano 1870c. n. 98. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369357&pasta=ano%20187&pesq=Juca%20Rosa&pagfis=381>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIARIO de Noticias. Ano 1870d. n. 102, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369357&pasta=ano%20187&pesq=Juca%20Rosa&pagfis=397>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIARIO de Noticias, Ano 1870e, n. 107, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=369357&pesq=macumba&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=417>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIARIO de Noticias, Ano 1870f, n. 108, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=369357&pesq=macumba&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=421>. Acesso em: 12 fev. 2024.

DIVERSAS OCCURRENCIAS. “O famigerado Juca Rosa”. **O Despertador**, Desterro, ed. 851, p. 3, 1871. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709581&pagfis=3272>. Acesso em: 27 fev. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. Disponível em: <https://archive.org/details/novodicionriodal0000ferr/page/862/mode/2up?q=macumba>. Acesso em: 12 fev. 2024.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, C. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Sociedade Editora: Arthur Brandão & Ca., 1899. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Novo_diccion%C3%A1rio_da_l%C3%ADngua_portuguesa/OS9AAAAAYAAJ?hl=ptBR&gbpv=1&bsq=%22macumb%C3%A9%22&dq=%22macumb%C3%A9%22&printsec=frontcover. Acesso em: 12 fev. 2024.

FIGUEIREDO, C. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Lisboa: Sociedade Editora: Arthur Brandão & Ca., 1926, v. 2.

FREIRE, L. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Grande Dicionário Houaiss** (on-line). UOL, s/d. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0. Acesso em: 12 fev. 2024.

LOPES, N. **Novo Dicionário Banto do Brasil**: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1956.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

MELLO MORAES, A. J. **Os ciganos no Brazil, contribuição ethnographica**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1886. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7483>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro de língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MORAES SILVA, A. **Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e accrescentado por Antonio de Moraes Silva...** Tomo segundo. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

MORAES SILVA, A. **Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabularios impressos ate agora...** Tomo segundo. Lisboa: Na Typographia Lacerdina, 1813.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura: INL, 1966.

NOTÍCIAS. “Capoeira”. **A República**, Rio de Janeiro, 27 fev. 1872, ed. 279. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=138916&pagfis=1111>. Acesso em: 26 fev. 2024.

OLIVEIRA, A. S. L. **Palavra africana em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2006. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/wp-content/uploads/2020/12/palavraafricana-site.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

OS CANDOMBLÉS. “Ao sr. Dr chefe de polícia”. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ed. 105, 1880. Disponível em:

https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pagfis=615.

Acesso em: 26 fev. 2024.

PESSI, B. S. (coord.). **Documentos da escravidão: inventários: o escravo deixado como herança**. v. 1. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2010. Disponível em:

https://archive.org/stream/OEscravoDeixadoComoHeranaLivroInventarios1/OEscravoDeixadoComoHeran%C3%A7a-LivroInventarios1_djvu.txt. Acesso em: 12 fev. 2024.

PINTO, A. **Dicionário da umbanda**. 2. ed. S.l.: Eco., 1975.

POULTON, H. J. **The Historian's Handbook**. A descriptive guide to reference works. Norman: University of Oklahoma Press, 1972.

RAYMUNDO, J. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RIO, J. **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/1850/1/45000008008_Output.o.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

SILVEIRA BUENO, F. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

SIMAS, L. A. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. Disponível em:

<https://www.google.com.br/books/edition/Umbandas/o35GEAAAOBAJ?gbpv=1>.

Acesso em: 12 fev. 2024.

VAN DER POEL, F. **Dicionário da religiosidade popular**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

VIARO, M. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, D. **Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza**. Quarto volume. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1873.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

Artigo recebido em: 13.07.2024

Artigo aprovado em: 03.02.2025